

Título	Romântica heteroglossia psicadélica	Autor	Delfim Sardo
Data	2012	Artista	Beatriz Milhazes
Publicação	Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012.		

---

## Romântica heteroglossia psicadélica

Delfim Sardo

1. *Anna Blume hat ein Vogel*
2. *Anna Blume ist rot*
3. *Welche Farbe hat der Vogel?*

*Blau ist die Farbe Deines gelben Haares*

*Rot ist das Girren Deines grünen Vogels.*

Kurt Schwitters, *Anna Blume*, 1919/20

*Sonhada terra das palmeiras*

*Onde andarás teu sabiá?*

Taiguara, *Terra das palmeiras*, 1976

Numa entrevista a Arto Lindsay, Beatriz Milhazes diz, a certa altura, que é uma romântica. É uma afirmação que passa por ser uma esquina da conversa, uma espécie de intervalo pessoal no mapa das suas referências eruditas. Parece, no entanto, ser muito mais do que isso: a pintura que se requebra em dobras, que joga sistematicamente com o excesso e a decoratividade, que faz confluír a voluta e o arabesco, a cifra e a marcação do ponto de fuga, poderia ser considerada uma continuação de Philipp Otto Runge e a sua série de trabalhos sobre as *fases do dia*, desde logo consideradas insuficientes por Goethe, em Weimar, em 1800, como, passados dois anos, reconsideradas como fundamentais pelo mesmo Goethe que veio a acompanhar o artista até à sua morte prematura em 1810.

De facto, o romantismo de Runge possui essa componente desenhada e desenvolvida em relações formais repetitivas que configura uma das primeiras versões do que poderia ser entendido como a utopia de uma linguagem da pintura. Essa tentativa, poeticamente descrita por Novalis, viria a constituir um sinal das questões da modernidade do século XIX, a pintura entendida como a possibilidade de estabelecimento de um léxico que constituísse uma fisionomia da natureza: a forma que migra entre a natureza e a estrutura, um elo direto entre o orgânico e o geométrico.

Título	Romântica heteroglossia psicadélica	Autor	Delfim Sardo
Data	2012	Artista	Beatriz Milhazes
Publicação	Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012.		

---

A pintura de Beatriz Milhazes, na complexidade de excesso, quase no limiar da saturação visual (o que tem sido sistematicamente referido como um barroco brasileiro), constrói-se a partir da reunião convulsa e contraditória de universos visuais que, partindo de um campo cultural muito específico – a imagética corporal de Frida Kahlo, a saturação cromática do Rio de Janeiro, o sincretismo cultural do Brasil – tem vindo metodicamente a tentar cerzir duas tradições contraditórias e genéticas do modernismo: o trabalho matricial de Mondrian, sobretudo as suas obras tardias, e a pintura de Matisse, provavelmente a partir do momento inicial que é *Intérieur aux aubergines*, de 1911.

Este ponto de cruzamento entre a estrutura, a grelha, e o carácter orgânico da repetição cumulativa de padrões fluidos, ou de flores (outra vez Matisse e o uso sistemático das magnólias, mas também a herança romântica das figuras acústicas de Ernst Chladni que influenciaram Novalis), coloca o dedo na ferida da reconfiguração do moderno como um processo de teste sobre a possibilidade da representação.

Nas obras mais recentes, este processo de simbiose numa pintura que se exerce em múltiplas camadas produzidas enquanto colagem (e este é outra pedra de toque do modernismo, desde Picasso, Braque e Schwitters), toma a relação com a estrutura geométrica de Bridget Riley uma possibilidade para a utilização de formas circulares que parecem colhidas a Sonia Delaunay-Terk. Sonia e o marido, Robert Delaunay, aquando da sua estada em Portugal durante a I Guerra Mundial, batizaram a sua casa com um nome particularmente significativo, «La simultanée». É este mesmo interesse pela ideia de simultaneidade da experiência que perpassa pela obra de Beatriz Milhazes, como se o processo complexo compositivo, que faz eclodir em cada imagem uma pluralidade de instância percetivas e temporalidades diversas – e a sistemática relação musical que lhe é atribuída tem provavelmente a mesma origem –, que se tem radicalizado em direção a um processo quase psicadélico. Num certo sentido, a pintura de Beatriz Milhazes reconfigura, por outros processos, o

Título	Romântica heteroglossia psicadélica	Autor	Delfim Sardo
Data	2012	Artista	Beatriz Milhazes
Publicação	Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012.		

---

momento de transição entre a herança modernista (já em si contraditória) e o nascimento de uma outra eclosão da ideia de experiência global que constituiu o processo de Helio Oiticica na passagem entre a herança do concretismo (e a influência de Max Bill no Brasil desde 1951), a abertura crítica do movimento neoconcreto e o momento de passagem para as estruturas espaciais, os bólides e os parangolés. Na pintura de Milhazes, a multiplicidade de referências eruditas é erodida em cada obra face a uma possibilidade de colonização global da experiência, produzindo processos de desvio perceptivo muito próximos de um psicadelismo que, na arte brasileira, teria uma curiosa expressão em *Tayra, imyra, ypi*, de Taiguara, um disco que nunca chegou a ser ouvido, apreendido pela polícia política no dia seguinte ao seu lançamento.

É deste processo de sincreticamente transformar a percepção até que o seu caráter explosivo e simultâneo recoloca a questão do moderno como teste, dessa heteroglossia excessiva e psicadélica que a pintura de Beatriz Milhazes se alimenta.